

A LOIRA DO PORÃO

Francinha foi um personagem importante da velha Franca do Imperador no auge de sua indústria calçadista. Homem de esquerda, antibolsonarista próximo ao PT, coroinha na adolescência, depois kardecista amigo de Chico Xavier, também foi presidente do time de basquete de Franca num período difícil e conseguiu patrocínios que mantiveram viva a tradição da “bola ao cesto” na cidade. Com sua indefectível bolsa de couro a tiracolo e uma vasta cabeleira que esvoaçava quando passava pelo edifício Franca do Imperador a caminho do Café Globo na Praça Barão, esquina que concentra a energia eólica da cidade, Francinha também foi um pioneiro. Sobrinho do poeta Josaphat Guimarães França, inventou a primeira boutique da cidade, chamada Porão.

O nome era óbvio. Foi instalada no porão da casa de um poderoso magnata local na Rua Monsenhor Rosa, ao lado da antiga telefônica, bem no coração da cidade e de frente para a antiga Travessa da Maçonaria. Isso foi na segunda metade dos anos 1960.

A boutique Porão durou pouco, não mais que três anos, mas seu pioneirismo não pode ser ignorado no comércio local, foi uma loja inovadora. Roupas exclusivas, além daquelas que nossas mães faziam pra gente, só existiam até então pelas mãos das costureiras da cidade, como Benedita Borges. Comprar uma roupa única nas lojas da cidade não era uma opção para nós, os comuns mortais, era quase que uma moda sino-comunista, todo mundo com o mesmo tipo de roupa comprada em magazines como Jóia ou Cinderela. Segundo o próprio Francinha, como não entendia do negócio, acabou tendo prejuízo. Não sabia calcular o preço de venda num período de forte inflação, a clientela acabava pagando do jeito que queria ou nem pagava, não era bom cobrador, ficava constrangido em cobrar figuras influentes da sociedade e acabou tendo que fechar.

Ele mesmo escolhia as peças e fazia as compras em São Paulo e Rio de Janeiro, peças exclusivas, apenas uma de cada. Trabalhava com vestuário feminino, óculos de sol, cortes de tecidos, coisas que considerava de bom gosto. Foi na Porão que Francinha deu oportunidade para o Edson Fernandes como estilista, desenhava os modelos para as clientes que compravam cortes de tecidos.

O projeto da loja foi do arquiteto Paulo Nehemy, com pinturas do pai do Moge (professor de Física do IETC). Promovia desfiles nos salões da AEC para fazer os lançamentos das coleções, servia coquetéis, uma festa. Tempos depois, o Francinha acabou se mudando da Franca.

A gente não tinha dinheiro pra comprar numa boutique, mas a curiosidade era aguçada por outra coisa: a “loira do Porão”. A vendedora da boutique era uma loira muito vistosa, com cabelo oxigenado mais platinado que da Marilyn Monroe, algo inusitado para a pequena e provinciana Franca do Imperador da época. Ainda por cima, usava as roupas de grife da própria boutique, ficando ainda mais atraente aos olhos dos adolescentes. A “loira do Porão” era uma atração à parte. Quando a boutique fechou, ficamos órfãos da “loira do Porão”, não soubemos mais dela. Até ontem, quando descobri que ela está firme no negócio da moda na Franca, só que virou uma reacionária bozolóide sem limites que Francinha jamais apreciaria. Quinze dias após conversarmos (estava vivendo em Jaú) para obter detalhes sobre a história da boutique, ele faleceu. RIP, Francinha.

Mauro Ferreira é arquiteto